

PIPER, John. **Fome por Deus:** buscando Deus por meio do jejum e da oração. São Paulo: Cultura Cristã, 1997. 176p. Resumido por ALHack em fevereiro de 2017.

Prefácio

1Co 8.8: Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos, se não comermos, e nada ganharemos, se comermos. Perigos da indulgência: 1Co 6.12. Arma para encontrar o equilíbrio entre o comodismo e a abnegação: fome por Deus.

Introdução

A raiz do jejum cristão é a saudade de Deus. A fome por comida é maior que a fome por Deus. Os adversários maiores de Deus são suas dádivas → apetites pelos simples prazeres da terra. Lucas 8.14: “foram sufocados com os deleites da vida”. Todas as bênçãos podem se tornar substitutos mortais de Deus. Não apenas comida, mas tudo pode ser um substituto para Deus. O jejum não é o confisco do mal, mas do bem.

Jejum é a abstinência de qualquer coisa, que seja legítima em si e por si, em favor de algum propósito espiritual especial. É um ato de preferência concreta por Deus acima de suas dádivas (uma prova de fé). Abandonar os efeitos entorpecentes dos perigos da idolatria. Um motivo para jejuar é para se conhecer aquilo que está dentro de nós. No jejum isso se revelará. Torna-se um recurso espiritual, pois traz para fora as insatisfações da minha alma e me força a achar comunhão com Deus não só pra aguentar, mas para prosperar e me alegrar nele.

Tanto comer quanto jejuar são atos de adoração. Ambos dirigem o coração ao Doador. Em ambos podemos expressar amor e maior satisfação em Deus (Rm 14.3-6). O jejum pode intensificar a fome por Deus. Quanto mais você prova, mais você quer de Deus.

1. O jejum é cristão?

A verdadeira mortificação da nossa natureza carnal é uma questão espiritual interna de encontrar mais contentamento em Cristo do que no alimento (Mt 9.14-17). O jejum é para tempos de anseio, anelo e desejo ardente por Cristo e seu poder. Jesus partiu, o noivo não está mais presente até a segunda vinda. O jejum cristão se apoia em toda essa obra consumada por Cristo.

Jesus deu o Espírito Santo em sua ausência, mas Cristo não está conosco, está longe de nós (2Co 5.8). Jejuamos porque dói em nós que Jesus não está inteira e gloriosamente aqui conosco. O Espírito do noivo está reunindo e purificando a noiva para Cristo. Nós provamos algo muito maravilhoso pelo seu Espírito, mas não podemos nos satisfazer até a chegada da consumação da alegria.

O jejum cristão é uma fome por toda a plenitude de Deus (Ef 3.19). É uma fome de Deus despertada pela gustação de Deus dada gratuitamente no evangelho. É dizer, de tempos em tempos, que ter mais do Doador é mais valioso do que ter a dádiva. Vem da confiança em Cristo, é sustentada pelo poder de Cristo e objetiva a glória de Cristo. Somos livres para jejuar ou não jejuar (1Co 6.12). Fazer ou não fazer para a glória de Deus é a coisa essencial. Mas é uma arma na luta da fé, pois os desejos do corpo são enganosos tanto quanto prazerosos. Quando nos privamos de alguma coisa para a glória de Deus, fazemos guerra contra os enganos de nossos desejos e declaramos a preciosidade da oração e o valor inestimável de Deus. Toda perda é por amor ao “ganhar a Cristo” (Fp 3.7-8).

2. Não só de pão viverá o homem

O Filho de Deus começou seu ministério terreno com um jejum de quarenta dias. Sob direção do Espírito, Jesus se preparou para essa provação pelo jejum. Há semelhanças entre Jesus e os israelitas no deserto: Deus, com a encarnação do seu Filho, estava se preparando para libertar o povo – o novo Israel – da escravidão do pecado para a Terra Prometida do perdão, da justiça e da vida eterna.

Quando experimentamos essa privação, Deus revela o que está em nossos corações. O que valorizamos e no que confiamos? É uma maneira de revelar a nós mesmos e confessar a Deus o que

está em nossos corações. Precisamos aprender a depender de Deus e não de nós mesmos. O jejum é fome de Deus acima da fome por suas maravilhas. Essa confiança profunda e contentamento em Deus sustentaram Cristo em toda sua trajetória até o final. A questão não é tanto se jejuamos, mas se ansiamos por Deus dessa maneira. Tendo experimentado a bondade de Deus no evangelho, como eu posso maximizar meu deleite nele quando a cada momento sou tentado a fazer um deus de suas dádivas?

3. Jejuar pela recompensa do Pai

Como não jejuar: buscando ser vistos pelos homens (Mt 6.1-18) e sendo hipócritas. Hipocrisia é tentar parecer diferente na aparência exterior do que se é na aparência interior. Como jejuar: em secreto, para ser visto por Deus. A motivação para oração e jejum é o que importa. Se você quer que seus atos sejam conhecidos por outros, é para que Deus seja glorificado ou para que você seja admirado? Cuidado com a autoexaltação do coração. Nós nos importamos mais com os efeitos de nível horizontal (outras pessoas) do que do vertical (Deus)! Ficamos contentes em Deus quando ninguém a não ser Deus sabe o que nós fizemos?

Jejum comunitário (ou até nacional): o crítico não é se as pessoas sabem que você está jejuando, mas se você deseja que elas saibam e assim se deleitar com a admiração delas (At 13). É bom e correto querer e buscar a recompensa de Deus no jejum. (Amor, por definição, busca desfrutar de seu objeto). Fazer o que é certo para aumentar nosso deleite em Deus é um ideal cristão. Qual é a recompensa? Três anseios: que o nome de Deus seja santificado/honrado, que o reino de Deus venha, que a sua vontade seja feita. Buscar a recompensa da supremacia todo-suficiente de Deus coloca todos os nossos outros desejos em prova. Jejuamos e oramos porque queremos dominar os maus hábitos e antigas servidões, para remover cada obstáculo para o gozo mais pleno de Deus.

4. Jejuar pela volta do rei

O jejum é uma expressão física do desejo ardente do coração pela volta de Jesus. Precisamente por causa do que temos visto e do que temos provado, sentimos agudamente a sua ausência tanto quanto a sua presença. É isso que falta na igreja acomodada de hoje. Onde no mundo ocidental os cristãos estão clamando por Cristo dia e noite para que ele venha e faça justiça para seus eleitos? Maranata (“nossa Senhor, vem!”) é o que a genuína fé cristã faz: ela ama a Cristo e anseia pela sua vinda. Simeão e Ana são exemplos de pessoas santas e devotas que ansiavam pela vinda de Cristo e Deus respondeu aos seus anseios. Suas esperanças eram baseadas nas promessas de Deus, mas quanto muito mais nós temos visto do que eles viram! O fato de tê-lo visto viver e amar por três anos e mesmo agora ter seu Espírito deveria aumentar nosso anseio!

Somos menos sensíveis aos apetites espirituais quando estamos subjugados aos apetites físicos. A maioria de nós corre o risco de ser excessivamente “sensualizado” simplesmente por ter todo desejo satisfeito e raramente parar em um momento de abnegação para descobrir se existem vivos dentro de nós apetites que poderiam nos satisfazer em níveis mais profundos do que alimento, e que são designados para a honra de Deus. 1Pe 4.13 indica que o sofrimento aqui vale a pena, pois a glória futura será maior. Somos peregrinos e forasteiros (1Pe 2.11; Hb 13.14). A esperança está na vinda do Rei. Nossa pátria está nos céus (Fp 3.20).

A ausência de jejum é indicativa do nosso conforto com a maneira que as coisas estão. Ninguém jejua para expressar seu contentamento. Se realmente ansiamos por sua volta, temos uma missão: pregar o evangelho a todas as nações (Mt 24.14). Há correlação entre amar a vinda do Senhor e trabalhar sem cessar pela causa da evangelização, juntamente com oração (maranata) e jejum.

5. O jejum e o curso da História

Não há ninguém sem pecado, e todos os triunfos são misturados com imperfeições. A Bíblia e a história da igreja são cobertas com história de notáveis feitos de Deus em resposta graciosa ao jejum e à oração de seu povo. O teste da verdade e da justiça não é se há poder no ministério da

pessoa. Deus tem seus propósitos sábios e soberanos para usar pessoas com defeitos para salvar pecadores. Isso não é uma benção sobre um erro, mas a graça apesar do erro. Devemos nos humilhar para aprender da experiência dos outros, mesmo daqueles dos quais discordamos, visto que Deus tem misericórdia e dá lições nos lugares mais inusitados.

Só seremos capazes de manter nossa estabilidade e confiança inabalável se conservarmos nosso foco no Deus imutável e tomar cada maré, enchente ou vazante como uma obra da sabedoria infinita para o cumprimento dos santos propósitos de Deus. Como testamos impressões subjetivas sobre o falar de Deus? O renovar da mente (Rm 12.2) leva à renovada mente de Cristo (1Co 2.16), modelada pela palavra de Cristo e permeada pelo Espírito Santo, a qual manterá o equilíbrio na interação da impressão subjetiva com a reflexão espiritual.

É possível fazer jejuns extraordinários e ainda assim não nos humilharmos, orarmos, buscarmos a Deus e nos convertermos dos maus caminhos. Para Brainerd, a disciplina da oração e jejum foi um meio de “sucesso evidente e uma extraordinária bênção em lucro especial e conforto do Espírito de Deus”. E pra Thomas Shepard: “guardar seu espírito em um temperamento saudável, vigoroso e vicejante, e de fazer baixar as múltiplas bênçãos de Deus sobre todas as pesadas responsabilidades que tinha em suas mãos”.

6. Encontro com Deus no jardim da dor

Diretrizes simples: se os seus motivos forem puros, seu Pai que vê em secreto te recompensará. Em Isaías 58, o jejum proclamado não é comum. O encargo de Isaías 58 permeia o ministério de Jesus (p. 140). Nesse texto, o povo age como se fosse uma nação reta e obediente. Mas não são sinceros. Há um perigo de amar o ato de amar a Deus mais do que amar a Deus. Começamos a saborear não a glória de Deus, mas a atmosfera criada pela adoração. Se o jejum lhe faz indulgente em outras áreas, ou áspero com outras pessoas, etc., então seu jejum não é aceitável a Deus.

O jejum que deixa nossa vida sem mudança no pecado é o objeto de zombaria de Deus (v. 5). O único jejum autêntico é o que inclui um ataque espiritual contra o nosso pecado. Querer Deus é odiar o pecado. Jejum que não visa matar de fome o pecado enquanto se banqueteia em Deus é enganar-se a si próprio. Fome por Deus é fome por santidade.

Os pobres e famintos são afligidos. Essas pessoas abastadas estão também famintas e aflitas pelo jejum. Mas por que estão jejuando? Não é contra o seu próprio pecado. O jejum que Deus escolhe não é que religiosamente passemos fome e nos aflijamos, mas que façamos com que os pobres fiquem menos famintos e aflitos.

Consumismo

Somos ensinados a experimentar a boa vida consumindo e não renunciando ao consumo. O consumidor deve pensar primeiro e principalmente em si mesmo e em satisfazer suas necessidades. Assim, não é tão estranho no final das contas chamar de “jejum” um estilo de vida de servir ao pobre em vez do consumo de mercadorias. A maior parte de nossa vida é a satisfação de um apetite artificialmente inflamado após outro. Qualquer alteração desse padrão por amor do ministério é um “jejum”, um jejum que agrada mais a Deus do que pular almoços com vistas a maior quantidade de pizza no jantar. É mais abençoado dar do que receber. Não há nenhum merecimento envolvido aqui. Não se pode negociar com o Deus de Isaías. Ele é soberano e livre e dá graciosamente àqueles que confiam nele. A força de fazer o que Deus nos chama para fazer não vem de nós, vem de Deus e por meio da confiança nele.

Receita do doutor

- Libertemos as pessoas (Is 58.6,9). Não devemos colocar fardo sobre as pessoas (Mt 11.28-30). O que torna o fardo leve é a realidade do novo nascimento. Ser nascido de Deus triunfa sobre os desejos mundanos que tornam os mandamentos de Deus pesados.

- Alimentemos os famintos (58.7a). O nosso jejum não é meramente negarmos a nós mesmos, mas suprir as necessidades dos outros. Jejum é destinado a nos despertar para a fome do mundo.
- Abriguemos os desabrigados (58.7b). Ver a necessidade e fazer algo. Ver um desabrigado e executar seu jejum (renúncia de algum conforto ou objeto). Não deve ser uma atitude tudo ou nada. Apenas ajude da maneira que puder quando puder, uma pessoa de cada vez que seja. Quão mais fácil teria sido o “banquete” da abundância sem ter que se preocupar com os pobres.
- Vistamos os que estão nus (58.7c) e sejamos solidários (58.7d). Eles são carne e osso como nós, portanto se ponha no lugar deles e sinta o que eles sentem. Não vire as costas para seres humanos necessitados.
- Abandonemos os gestos e palavras que mostram desprezo pelas outras pessoas (58.9b). Não fale ou gesticule de maneira que demonstre desprezo pelos outros.
- Devemos dar não apenas alimento, mas dar a nós mesmos para satisfazer não apenas a fome física, mas as almas também. O ministério dos pobres não é meramente dar coisas, é dar-se a si mesmo. Não é apenas alívio, é relacionamento.

Promessas do Rei

Que não sejamos desanimados pelo paradoxo de que derramar as nossas vidas é o caminho para a plenitude.

- As trevas de sua vida se tornarão luz (58.8a,10b). Se você quiser que as nuvens recuem, comece a derramar sua vida pelas outras pessoas.
- Ele lhe dará o fortalecimento físico (58.8b,11c). Deus promete nos fortalecer por meio do jejum de coisas como a televisão a fim de levar uma refeição para uma família em crise.
- Deus irá adiante de nós, detrás de nós e no meio de nós com justiça e glória (58.8c,d) e ele estará lá quando você chamar (58.9a,b). Deus tem a intenção que nós recorramos a ele por ajuda porque estamos dando nossa vida para difundir uma paixão por sua supremacia em todas as coisas, para a alegria de todos os povos.
- Deus promete nos guiar continuamente (58.11a). Torne-se disponível mesmo para situações de necessidade além da sua capacidade, e “O Senhor te guiará continuamente”.
- Ele satisfará sua alma (58.11b). Nossa alma é destinada a ser satisfeita em Deus. Derramar-nos pelos pobres é o caminho da mais profunda satisfação.
- Deus fará de você um jardim regado com fontes perenes (58.11c). Sendo regado e com o poder de regar os outros. À medida que você se derrama você se torna cheio. À medida que você mais dá, mais você recebe (Jo 7.38). Confiar em Jesus para as nossas necessidades é abrir a fonte do poder do Espírito.
- Deus irá restaurar as ruínas de sua cidade e seu povo (58.12). O jejum que ele prescreve significa luz, cura, direção, alívio, restauração e desembaraço. (Mt 5.16).

7. Jejuar pelas crianças

Existe uma fome por Deus que extrapola o desejo por experiência pessoal. Ela anela pela manifestação pública de sua glória no mundo. O valor do ser humano vem de Deus, pois fomos criados à sua imagem e semelhança (Schaeffer, discurso de Madre Teresa em 1995 contra o aborto).

É tempo para oração e jejum radicais ao ponto que todo nosso pensamento, toda nossa oração, todos os nossos escritos e todas nossas ações sociais e missões tenham o aroma de Deus neles por meio do seu poder transformador. O jejum é uma expressão de humildade e anda junto com a

oração quando admitimos que somos incapazes diante dele. Oremos e jejuemos pela ruptura das mentes obscurecidas que subjugam o mundo moderno.

Conclusão

Nosso novo coração nascido da fé é a obra das mãos do próprio Deus (Fp 2.13). Quem sou eu para jejuar? Não há nada em mim que escolheria isso para a sua glória à parte de sua graça transformadora. Deus promete vir em auxílio daqueles que param de depender deles mesmos e buscam a Deus como o seu tesouro e auxílio (Sl 51.17). Ele recompensa os atos do coração humano que demonstram a impotência humana e esperança em Deus, pois esses atos chamam atenção para a glória de Deus. Tudo é para sua glória (p. 192). Sl 63.3: estou morrendo, mas ‘a tua graça é melhor do que a vida’. O jejum expressa o clamor do coração de que nada na terra pode satisfazer nossa alma além de Deus. Deus recompensa esse clamor porque ele é mais glorificado em nós quando estamos mais satisfeitos nele.